

“NOSSAS GAVETAS ESTÃO CHEIAS DEMAIS”: os desejáveis e indesejáveis nas páginas do suplemento literário de Mauro de Mota (1947-1959)

Tércio de Lima Amaral*

RESUMO: A imprensa recifense foi pioneira na publicação de suplementos literários no Brasil na primeira metade do século XX. Essas publicações, além de revelarem talentos e consolidar velhos nomes da intelectualidade, foram responsáveis por criar um espaço corporativo na defesa de seus colaboradores, como foi o caso do suplemento editado por Mauro Mota, no Diário de Pernambuco, entre os anos de 1947 e 1959. Este artigo desconstrói a ideia de que este suplemento teria sido um espaço democrático para diversos autores, exigindo, por parte de seus colaboradores, a conexão com a rede de relacionamento da empresa e de seu editor.

PALAVRAS-CHAVE: Suplemento literário; Diário de Pernambuco; Mauro Mota; Intelectuais.

“Our drawers are too full”: the desirable and undesirable on the pages of Mauro de Mota’s literary supplement (1947-1959)

ABSTRACT: The press in Recife was a pioneer in the publication of literary supplements in Brazil in the first half of the 20th century. These publications were responsible for both: revealing talents and consolidating old names in the intellectuality, and also created a corporate space in the defense of their collaborators, as it happened in the case with the supplement edited by Mauro Mota, in Diário de Pernambuco, between 1947 and 1959. This article breaks down the idea that this supplement would have been a democratic space for several authors, demanding, on the part of its collaborators, the connection with the company's network and that of its editor.

KEYWORDS: Literary Supplement; Diário de Pernambuco; Mauro Mota; Intellectuals.

“Nuestros cajones están demasiado llenos”: lo deseable e indeseable en las páginas del suplemento literario de Mauro de Mota (1947-1959)

RESUMEN: La prensa de Recife fue pionera en la publicación de suplementos literarios en Brasil en la primera mitad del siglo XX. Estas publicaciones, además de revelar talentos y consolidar viejos nombres en la intelectualidad, fueron las encargadas de crear un espacio corporativo en la defensa de sus colaboradores, como fue el caso del suplemento editado por Mauro Mota, en Diário de Pernambuco, entre 1947 y 1959. Este artículo rompe la idea de que este suplemento hubiera sido un espacio democrático para varios autores, exigiendo, por parte de sus colaboradores, la conexión con la red de la empresa y la de su editor.

PALABRAS CLAVE: Suplemento literario; Diário de Pernambuco; Mauro Mota; Intelectuales.

*Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco e mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente dedica-se a pesquisas sobre história da imprensa em Pernambuco na primeira metade do século 20, além de diversos outros temas. Contato: Avenida da Arquitetura, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) - 11º andar, Cidade Universitária, CEP: 50740-550, Recife-PE, Brasil. E-mail: tercio.amaral@uol.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2810-5010>

Introdução

O conto e o retrato no jornal trazem importância a Zanolho na pensão e no bairro. Anda devagar pela Rua do Sebo, no desfile de sua glória. Verdade ou delírio de estrepante, acha que os vizinhos, principalmente as vizinhas, cumprimentam amáveis, ficam na janela para vê-lo passar. Recompensa das noites de tortura, ‘em busca da expressão adequada’, das pilhérias de Ferreirinha por cima do tabique. Mauro Mota em *O Pátio Vermelho*, em 1968.

Assim como Zanolho, um jovem universitário que iniciou sua carreira jornalística com contribuições para o *Correio*, o romance *O Pátio Vermelho*, de Mauro Mota, trata de outra figura importante na vida do escritor pernambucano, sobretudo, a jornalística. O jornalista Felipe Gama, personagem que teria sido criado inspirado na figura do então chefe de redação do *Diário*, Aníbal Fernandes¹, é descrito como um profissional que vivia em função da redação, que deu o sangue da juventude, mas que na ocasião doava sua maturidade viva, vibrátil. “Ninguém o impedia de chegar a diretor, de ter o nome no cabeçalho. Mais pela popularidade, pela ordem dos leitores, pela força do jornalista macho, de vigor nas campanhas, renovador aqui dos estilos de imprensa²”, destaca Mauro Mota ao tratar do personagem central de seu trabalho. De fato, foi Aníbal Fernandes quem lhe abriu as portas do *Diário de Pernambuco* para, posteriormente, tornar-se uma das pessoas chave no jornal para criação do então suplemento literário – empreitada editorial que começa na edição 17 de agosto de 1947 e encerra o ciclo de quase 12 anos depois, em 15 de fevereiro de 1959, e que analisamos neste artigo. O projeto iniciou de forma acanhada, com quatro páginas, e terminou com quase 16. Não havia a identificação no cabeçalho “Suplemento literário”, como em outros jornais, apenas “Suplemento”, ou “Segunda Secção”. O caderno foi ganhando importância editorial, abrangendo anúncios, notícias sobre cinema, rádio, mais tarde, televisão, e até páginas dedicadas exclusivamente às mulheres.

O suplemento foi um espaço importante para o editor, o jovem Mauro Mota, consolidar-se entre os intelectuais, bem como para outros nomes, ainda não consagrados, serem conhecidos ao grande público. Os intelectuais que estavam orbitando em torno do suplemento de Mauro Mota tinham dois objetivos: a conquista de espaço entre os próprios poetas e escritores, que já estavam presentes e reconheciam o suplemento como plataforma da intelectualidade, e a possibilidade de novos trabalhos com a abertura e a divulgação da produção literária no jornal. O próprio Mauro Mota fornece pistas sobre essa rede em seu único romance produzido, *O Pátio Vermelho*, publicado inicialmente pela Editora Orfeu, do Rio de Janeiro, em 1968. O livro é ambientado em Recife, dos anos 1940 e 1950, em uma

pensão para estudantes no centro da cidade. Os universitários que estavam hospedados na Rua do Sebo, próximo ao jornal *Correio do Recife*, que na verdade seria o próprio *Diário de Pernambuco*, possuíam atividades complementares aos estudos, como o ensino no Liceu, aulas particulares na própria pensão, ou o exercício do jornalismo. O romance conta o cotidiano de dois universitários do curso da Faculdade de Direito do Recife que colaboravam com o jornal pernambucano, um como repórter, outro como colaborador do suplemento.

Os dois, em virtude das atividades na imprensa, ganharam prestígios diferentes com a dona da pensão na qual viviam, que chegava a tolerar o atraso de pagamento dos profissionais da imprensa, com a sociedade letrada recifense. Enquanto o repórter José Luís Monteiro de Albuquerque teve acesso ao centro do poder, como governadores e políticos, o estudante José Ramalho Júnior, que publicava suas crônicas no jornal, conquistou a possibilidade de circular nos salões letrados da cidade, como o da casa de Marina Simões, na Capunga. Marina seria a feminista Martha de Holanda³. Além disso, José Ramalho, que antes era tratado pelo apelido de Zanolho, ganhou o status de escritor. No romance, também é possível identificar relações de vínculos empregatícios distintas com o jornal. Enquanto o repórter recebe por seus trabalhos, o colaborador do suplemento, não. O repórter José Luís Monteiro chega a indagar a José Ramalho por que ele não teria pedido ao chefe da redação do *Correio*, Felipe Gama, para ser efetivado como repórter e garantir uma renda extra. De fato, poucos tinham o privilégio de receber por contribuições em páginas literárias. O jornalismo diário ainda era um dos poucos caminhos para remuneração na imprensa. O jornal *O Estado de S. Paulo* era uma das exceções, ao pagar, de forma justa, parte dos seus colaboradores de seu suplemento literário que circulou entre os anos de 1954 e 1974⁴.

Os anos 1940 e 1950, ainda com a concorrência do rádio e, posteriormente, o surgimento da televisão, foram bastante favoráveis ao jornalismo impresso, que ainda reinava em influência e alcance. Pelas páginas do suplemento do *Diário*, os leitores tiveram acesso a críticas e produções de nomes como Álvaro Lins, Ariano Suassuna, Ascenso Ferreira, Evaldo Cabral de Mello, Ferreira Gullar, Gilberto Freyre, Joaquim Cardozo, João Cabral de Mello Neto, Manuel Bandeira, Marcos Vinícios Vilaça, Otto Maria Carpeaux – entre outros, consagrados e/ou em processo de consagração, que estavam no círculo de relacionamento dos *Diários Associados*, grupo de mídia que comandava a empresa, ou do próprio Mauro Mota e da redação de seu jornal. As mulheres eram raras nessas páginas, mas nomes como da poetisa paraibana Zila Mamede e da escritora e feminista pernambucana Edwiges Sá Pereira

contribuíam com algumas produções. Para se ter uma ideia, apenas uma nota pequena, em todo período da pesquisa, foi localizada sobre o trabalho da escritora francesa Simone de Beauvoir. O suplemento era um espaço masculino. Esses intelectuais que tinham suas poesias, crônicas, críticas publicadas nessas páginas dispunham de um espaço para divulgação de seus trabalhos, lembrando que o mercado editorial brasileiro ainda estava engatinhando, com poucas editoras concentradas na região Sudeste do país. Para os que não estavam instalados perto da sede do poder, no Rio de Janeiro, ou São Paulo, era a forma de serem reconhecidos pelo público pernambucano e nordestino. Para os residentes em Pernambuco, era uma porta de entrada para que as mesmas produções pudessem ser publicadas em outros jornais dos *Associados* em outras regiões do país. Não há registros sobre remunerações. Ao centro disso tudo: Mauro Mota, cujo poder se concentrava na edição, na escolha de quem teria seu nome veiculado nessas páginas tão preciosas.

Esse artigo desconstrói a ideia de que o suplemento era um espaço extremamente democrático e dedicado aos novos talentos. Muitos dos colaboradores faziam parte de uma rede de relacionamento familiar, empresarial dos *Diários Associados* e até mesmo de amigos de Mauro Mota. Revelações existiram, mas muito menos do que foi propagado pela narrativa institucional do *Diário de Pernambuco* e por meios intelectuais do estado. Nomes como Evaldo Cabral de Mello, primo de Mauro Mota e de Gilberto Freyre, ou seja, dentro dos limites familiares, tiveram seus primeiros trabalhos revelados nessas páginas. Por meio da análise do suplemento entre os anos de 1947 e 1959, é possível observar a críticas daqueles que não tiveram suas colaborações acolhidas, e, ao mesmo tempo, a falta de critérios claros da publicação para atrair, supostamente, os novos intelectuais. Este artigo também apresenta o suplemento como um espaço importante e litúrgico na intelectualidade pernambucana: a importância da recepção no Recife dos que já não mais moravam no estado e estavam de passagem, além da defesa daqueles que perdiam seus trabalhos e estavam em busca de novas posições. O suplemento literário editado por Mauro Mota fez parte do campo intelectual de Pernambuco, mas estava delimitado pelas relações de poder delimitadas pelo seu editor.

Foi no suplemento que Mauro publicou inicialmente, de forma inédita, as *Elegias*, em 1952, seu principal trabalho poético e que o torna reconhecido nacionalmente. Também foi no suplemento que nomes como Carlos Pena Filho e Eduardo Portella, entre outros, tiveram seus primeiros trabalhos publicados. A historiadora Alzira Alves de Abreu defende que os suplementos literários formaram redes de sociabilidades para muitos literatos brasileiros na

década de 1950, e juntamente com os cafés, salões, as revistas literárias e as editoras, permitiram a estruturação do campo intelectual no país. Era nesses locais que se encontravam grupos de amigos, muitos de uma mesma região, manifestando opiniões, divergências e até antagonismos. “Aí se cruzaram várias gerações, nascidas entre 1880 e 1930. A maioria dos jornais abrigou tanto os intelectuais da geração nascida no final do século passado como das décadas de 10, 20 e 30⁵”. Em Recife, o grupo que orbitava em torno do poeta e editor Mauro Mota tinha entre alguns dos pontos de encontros, fora a própria redação do jornal, o tradicional Bar Savoy, na Av. Guararapes, o Café Lafayette e o Restaurante Dom Pedro, ambos na Rua do Imperador d. Pedro II.

Editor do suplemento, Mauro Mota era natural do Recife e teria nascido no ano de 1908⁶, apesar de publicamente ter adotado o ano de 1911 como data de nascimento. Essa mudança seria para, supostamente, camuflar sua escolaridade tardia. Fez parte dos estudos iniciais no município de Nazaré da Mata, no interior de Pernambuco, e o secundário no Colégio Salesiano, na capital, onde conheceu o crítico pernambucano nascido em Caruaru, Álvaro Lins. Concluiu os estudos no Ginásio do Recife. Tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1937, mas direcionou sua carreira ao mundo das letras. Mauro Mota tornou-se conhecido por meio do jornalismo, iniciando a carreira como secretário e depois redator-chefe do jornal *Diário da Manhã*, entre 1935 e 1941. Logo em seguida, em 1941, entrou no *Diário de Pernambuco* (DP), beneficiado com o auge do então maior conglomerado de mídia do Brasil, os *Diários Associados*. Mauro Mota ainda foi diretor-executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJPNS), entre os anos de 1956 e 1971, professor catedrático de geografia do Instituto de Educação de Pernambuco, entre 1950 e 1971. Além disso, foi membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e da Academia Pernambucana de Letras e dos Conselhos Federal e Estadual de Cultura¹. Maur faleceu em Recife, em 22 de novembro de 1984. No período, era diretor do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje), cargo que ocupou desde 1972.

Figura 1: O primeiro exemplar do suplemento literário editado por Mauro Mota em 17 de agosto de 1947



Fonte: Centro de Documentação do Diário de Pernambuco

(Cedoc)

“Os jovens poetas da Rua do Imperador e do Bar Savoy – herdeiros por assim dizer da tradição de Carlos Pena Filho – encontraram nele o amigo, o mestre, timoneiro⁷”. No mesmo período, outros suplementos existiam na cidade do Recife, como o do *Jornal do Commercio*, dirigido por Aderbal Jurema, e o da *Folha da Manhã*, editado por Nilo Pereira, todos alimentados com colaborações de outros estados. No entanto, por estar vinculado a uma cadeia nacional de jornais, os *Diários Associados*, o do *Diário de Pernambuco* teve maior prestígio e repercussão nacional. O objetivo deste capítulo, além de analisar a rede de sociabilidade formada por Mauro Mota em torno do suplemento, é revelar a narrativa institucional do *Diário* por trás da publicação. Há dois trabalhos já produzidos nesse sentido: um mais recente, do jornalista Jodeval Duarte, intitulado *Agitação Cultural*⁸, de 2001, e do jornalista Arnaldo Jambo, sobre a história do jornal. Amigo de Mauro Mota, Arnaldo chegou a defender uma era do jornalista dentro da empresa. O livro de Jambo é intitulado *História e jornal de quinze décadas*⁹, uma referência sobre a história da empresa e publicado em 1975.

Em entrevista nos anos 1940 sobre o suplemento que editava no *Diario*, Mauro Mota defendeu que esse tipo de publicação vinha contribuindo para a transformação literária do Nordeste: “Não temos, é certo, editoras e também não vejo possibilidade de criar uma de invejável capacidade. A gente do Nordeste é pobre e lê muito pouco¹⁰”. Segundo ele, ao contrário dos livros, o jornal se infiltraria mais facilmente na casa das pessoas, contribuindo para a socialização das produções literárias. Ele relatou, também, que não se acreditava na produção local e na permanência do suplemento como um projeto editorial duradouro. “Por longo tempo dominaram as transcrições, tinha-se a impressão de que no Recife pouco se escrevia, o que não é e nunca foi verdade¹¹”, afirmou. Mauro Mota também defendeu que não houve um conflito de gerações, e escritores já consolidados na região e no estado – como Gilberto Freyre, Odilon Nestor, Olívio Montenegro, Luiz Delgado, Aníbal Fernandes e Silvio Rabelo – continuaram normalmente suas carreiras e observaram com acolhimento os novos nomes com simpatia e interesse. “A ideia de criar uma página, exclusivamente para acolher as produções do pessoal de casa, a princípio foi recebida com certas reservas e descrenças. Talvez não chegasse ao primeiro mês, mas não se deu assim¹²”, relatou.

Em meados do século XX, havia um cenário favorável para esse tipo de publicação nos jornais. Esse foi um período marcado, sobretudo, pelo debate anticomunista, pela elaboração de projetos de desenvolvimento e pela ideologia do nacional-desenvolvimentismo. Foi nesse período, por exemplo, que surgiram organizações voltadas para formulação de projetos de desenvolvimento para o país, como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), em 1955, e a Escola Superior de Guerra (ESG), em 1948. Até o pensamento Católico passou por uma renovação com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1952. “(Foi um) Período de funcionamento do regime democrático, o que evidentemente permitiu a livre expressão de ideias e o desabrochar da criatividade em todas as áreas do conhecimento¹³”. Nessa fase de criação dos suplementos, o país abraçou novas mudanças, como construção de Brasília, nova capital, por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, o surgimento do Cinema Novo e a renovação do teatro nacional. Na música, a Bossa Nova também marcou essa fase com novos músicos, novas interpretações e novos arranjos musicais. “A poesia conheceu desdobramentos à poesia engajada politicamente; o romance regional, que conheceu seu apogeu nos anos 30-40, se atualizou e sofisticou, e a tendência a uma literatura mais introspectiva de análise psicológica se firmou¹⁴”.

Os suplementos literários, como um todo, podem também ser vistos como um projeto cultural das respectivas empresas de comunicação. No caso dos *Diários Associados*, grupo em que o *Diário de Pernambuco* fazia parte, na década de 1940 o conglomerado de comunicação estava espalhado por todo o país, com 20 jornais, cinco revistas, oito estações de rádio, uma editora de livros e uma agência de comunicação. Além de Pernambuco, o grupo estava presente em estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia¹⁵. Ao estudar o suplemento do jornal do *Diário de São Paulo*, também dos *Associados* – que foi editado entre os anos de 1946 e 1948, pelos jornalistas Geraldo Ferraz e Juliana Galvão, a Pagu, conhecida pela militância de esquerda –, a pesquisadora Juliana Neves analisa que era um desejo do dono do grupo, Assis Chateaubriand, marcar presença e criar um canal direto com intelectuais¹⁶, já que nada tinha sido feito na imprensa paulista até então. A aproximação com o setor cultural teve seu ápice com a criação, por Chateaubriand, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP), em 1947. Os empresários de comunicação do Rio de Janeiro também seguiram esses passos nos anos 1940, como foi o caso dos donos do *Correio da Manhã*: “Carioca *bon vivant*, educado em Oxford, fumante de cachimbo e amigo de Pixinguinha, Paulo Bittencourt, do *Correio da Manhã*, resolveu oficializar a relação com a amante, Niomar Moniz Sodré¹⁷”, diz Leonêncio Nossa. “A maior façanha do casal no jogo dos salões foi a abertura de um museu na orla da baía de Guanabara¹⁸”, completa o jornalista sobre a criação, em 1948, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, pelo casal proprietário do jornal.

A experiência do suplemento literário de Mauro Mota, com quase 12 anos, no entanto, pode ser considerada exitosa também do ponto de vista da periodicidade. Poucos suplementos em jornais impressos conseguem manter ou ultrapassar a marca de uma década, principalmente quando a temática não é considerada comercial aos olhos das empresas de comunicação, a exemplo do jornalismo cultural. Na época do encerramento do suplemento, o escritor pernambucano Osman Lins escreveu um artigo no Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo*, registrando o fim do suplemento e elogiando a capacidade de Mauro Mota em selecionar, de forma equilibrada, trabalhos de escritores já consagrados ou ainda desconhecidos do grande público. No texto, Osman defende que, em uma cidade como Recife, um diretor de um suplemento literário deveria reunir, ao lado de seus humanos defeitos, “uma série de atributos raros, mais ou menos fáceis de encontrar em indivíduos diferentes, mas nunca coexistentes em um único homem¹⁹”. Antes do fim do suplemento,

Mauro Mota, em 1956, assumiu concomitantemente o cargo de diretor do jornal, considerado uma promoção. A coluna de Mauro Mota, intitulada *Agenda*, seria publicada entre 1965 e 1975. Na empresa, continuou colaborando com artigos até ano de sua morte, completando um ciclo de 45 anos de trabalho na empresa. O *Diario* só voltaria a produzir um suplemento literário, de caráter mais abrangente em relação a temas fora do eixo da literatura, a partir do ano de 1962, sob a edição dos jornalistas e poetas César Leal e Marcus Prado.

“Nossas gavetas estão cheias demais”: os desejáveis e indesejáveis nas páginas do suplemento literário

Na edição de 14 de dezembro de 1947, quando assinou a coluna Literatura da Semana, o jornalista e poeta Edson Régis, no ano de estreia do suplemento, preferiu adotar um discurso curto e grosso. O autor tratava, em seu comentário, do surgimento de várias revistas no Recife, muitas delas de duração efêmera. O que poderia ser comemorado, por supostamente se caracterizar pelo alargamento do mercado editorial na capital pernambucana, transformou-se em críticas gratuitas e um recado àqueles que desejavam publicar colaborações no suplemento do *Diario* e tinham seus desejos negados. Com o título “Revistas do Recife”, o artigo do jornalista associou o surgimento dessas revistas aos autores que não conseguiam emplacar suas produções nos suplementos da cidade. O tratamento dado aos colegas indesejáveis, fossem eles poetas, cronistas ou simplesmente aspirantes a intelectuais, demonstra a autoimagem que a redação tinha da sua própria seção literária, até porque as revistas que entravam na concorrência estariam produzindo o que autor nomeou como “subliteratura”.

“Se qualquer jovem quer iniciar-se nas letras e encontra dificuldades em publicar seus primeiros escritos não deve animar-se para fundar uma revista e nela escrever tudo que lhe dá na cabeça²⁰”, diz Régis. “Se os suplementos literários não divulgaram seu artigo ou poema, certamente esse artigo ou poema não estava em condições de ser posto em letra de forma²¹”, completa. O jornalista defendeu, inclusive, que a empreitada não tinha qualquer objetivo financeiro. Aliás, muitos desses autores que teriam seus trabalhos negados poderiam ter prejuízos ao colocar na balança os gastos com a impressão e distribuição de suas revistas. O artigo defendeu que o suplemento tinha quase uma função de escola, ao receber e negar produções que não teriam determinados valores estéticos (ou literários). Não diz, no entanto, quais seriam esses critérios, como o jornal fazia a seleção dessas contribuições, etc. Apela,

ainda, para uma violência simbólica, ao afirmar que os trabalhos que não estivessem em páginas como a do jornal poderiam ser ridicularizados. “A má impressão que causa fora do Estado é tremenda. Quem entra em contato, lá fora, com certas publicações caça niqueis, que circulam no Recife de vez em quando, fica pensando que Pernambuco é a terra da sublitteratura mais profunda que há²²”.

Braço direito de Mauro Mota no início do suplemento, Edson Régis, inclusive, “aconselha” os jovens talentos, ao reforçar que não ficava comovido nem se apiedava com os autores que desejavam aparecer no suplemento e não conseguiam. “Pedimos a todos que continuem escrevendo, escrevendo, escrevendo, até tirar sangue, como dizia Mário de Andrade, e mandando para os jornais, sem deixar-se seduzir com essa história de fazer uma revistinha²³”. Não seria por falta de sugestões e colaboradores que o suplemento literário deixaria de circular. A fila era grande. “Para guardar toda essa colaboração que já temos, procuramos saber do poeta Israel Fonseca por quanto poderíamos conseguir um baú semelhante ao seu (a história do baú vai na seção ‘Os escritores da vida comum’) pois nossas gavetas já estão cheias demais²⁴”. Além do discurso de local de referência, chama também a atenção o tom personalista da página literária: ao contrário de outros cadernos do jornal, quem desejasse ter sua produção publicada deveria enviá-la ao que tudo indica ser o endereço pessoal do seu editor, o jornalista Mauro Mota, no bairro da Madalena, na Zona Norte do Recife²⁵.

A historiadora Alzira Alves de Abreu, ao analisar as transformações da imprensa nos anos 1950, defende que, para colaborar com esses suplementos literários, os jovens precisavam muito mais da indicação de amigos do que, propriamente, de capacidade técnica de escrever seus textos. A rede de relacionamento, nesse sentido, era um fator determinante para conquistar um espaço, mesmo que modesto, entre os nomes já reconhecidos no mundo das letras. “O suplemento era a forma de inserção dos jovens no mundo literário. Para a publicação dos primeiros textos, o iniciante buscava uma indicação de amigo, parente ou conhecido que o pusesse em contato com um escritor conceituado que colaborasse em suplementos²⁶”, destaca. Na própria época, Mauro Mota reconhece, nas entrelinhas, essa limitação, reverberando, quase dez anos depois, a opinião de Edson Régis no início do suplemento. Em 9 de setembro de 1956, ao assinar a coluna Literatura da Semana, Mauro relata que recebeu uma carta zangada de um leitor do interior do estado se queixando de

sugestões de contos que não foram publicados. Na ocasião, o remetente pediu a devolução de todos os textos enviados no intervalo de três anos. Comenta o colunista,

Aqui não temos má vontade para ninguém. Pelo contrário: se há um pecado, é o da concessão em tantos domingos positivada. Também não temos coluna para acusar correspondência nem tempo para dar palpites sobre as coisas recebidas. Apenas desejamos que elas tenham um mínimo de qualidade, pelo menos em potencial, para justificar a divulgação. É impossível mandar compor tudo o que chega. Ainda porque, mesmo um suplemento diário, não ecoaria toda a produção. Ela vem de muitos pontos do Nordeste, e até de outras regiões.

Dai a exigência de algum trabalho selecionador, feito, contudo, acima de qualquer paixão. Admitimos, em alguns casos, o esquecimento de algumas composições. Jamais a contento de sabotá-las.

É assim que há nove anos, desde quando este caderno, antes ortodoxo quanto à acolhida exclusiva para os “nomes feitos”, abriu-se, com o apoio do nosso então diretor Aníbal Fernandes, também aos iniciados. Destes vários, pelo próprio valor, já se transferiram para a outra categoria. Mas as coleções permanecem com o documentário da iniciação deles, tão útil para a história literária desta província.

Poderíamos agir de outra forma e com menos esforço. Mas isso não entra na cabeça do missivista amuado. Na sua tranquilidade municipal, que invejamos, insinua compromissos automáticos em face de colaborações jamais solicitadas. Exige a volta dos preciosos originais. Que procure as cópias do seu arquivo.

Não deixaria de conservá-las em casa quem é tão cioso da própria “obra de ficcionista”²⁷.

Os novos apareciam, mas com espaço reduzidíssimo em detrimento dos já consagrados. A sessão dedicada a eles, denominada *Coluna dos Novos*, teve vida efêmera²⁸. Os trabalhos acolhidos tinham relação estreita com os interesses do jornal, do editor, além das redes familiares e afetivas. Meritocracia não combinava com o jornalismo cultural construído pelo jornal nos anos 1940 e 1950. Pelas páginas do suplemento desfilavam nomes de Nazaré da Mata, cidade na qual Mauro Mota passou parte da infância, parentes distantes, como João Cabral de Melo Neto e seu irmão Evaldo, ambos posteriormente imortais da Academia Brasileira de Letras, além de intelectuais ligados ao próprio jornal, como antigos redatores, e os que se identificavam com a estética do sociólogo Gilberto Freyre. Algumas exceções chegam a ser curiosas, como o caso do poeta Carlos Pena Filho, uma das revelações da casa, que se aproximou do grupo pelo fato de o pai possuir a Sorveteria Botijinha, na Praça da Independência, próxima à sede do jornal – onde a atração mais sofisticada era um sorvete com biscoito Maria²⁹ –, que era frequentada por intelectuais, a exemplo do próprio Mauro Mota.

Figura 2. Um amigo no jornalismo: Mauro Mota (à esquerda) visita o Museu Imperial de Petrópolis ao lado de Guilherme Auler (no centro), da Tribuna de Petrópolis, no Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco

(Fundaj).

O jornal era repleto de funcionários em que seus parentes assumiam outras posições por indicação. A rede de amigos e familiar era uma verdadeira porta de entrada para a empresa, fosse em termos de contratação ou de acolhimento para publicação de colaborações. O próprio Mauro Mota, que foi contratado em 1 de agosto de 1941, também contava com a presença do irmão na redação, Zito Motta, admitido um ano depois, em 23 de maio de 1942. O mesmo raciocínio era seguido em outros setores. A descoberta da contratação de Zito foi possível graças ao acesso aos 135 registros de funcionários no arquivo da empresa entre os anos de 1910 e 1960, disponibilizados pelo setor de Recursos Humanos do *Diário* à nossa pesquisa. Nas fichas de Mauro e Zito constam os mesmos nomes dos pais: José Feliciano Motta e Aline Alice Motta e Albuquerque. Na análise dessa documentação, descobrimos, por exemplo, outros parentescos, como o registrado nas oficinas gráficas. O ajudante de mecânica, Leonízio Pinheiro das Chagas, contratado para o cargo no *Diário* no dia 5 de fevereiro de 1935 com 18 anos de idade, era filho do chefe das oficinas, José Francisco das Chagas, admitido em 27 de janeiro de 1913, com então 37 anos de idade

Nos documentos constam informações a exemplo do nome do funcionário, filiação, número de ordem, estado civil, nacionalidade, ocupação, idade, salário, endereço, lugar de nascimento, forma de pagamento, datas de admissão e de dispensa, além de espaço para fotografia do funcionário. Alguns registros também contam com o número das carteiras de reservista, do instituto e da profissional. A documentação inédita foi encontrada pelo departamento de recursos da empresa no final do ano de 2014, durante o processo de auditoria e venda do jornal então dos *Diários Associados* ao grupo que responde pelo plano de saúde Hapvida, e disponibilizada para a pesquisa pela empresa no mesmo ano. Das fichas disponibilizadas, ao menos 52 tinham registros duplicados e apenas uma estava ilegível. Na análise, dividimos esses funcionários em cinco setores distintos: administração, manutenção, oficinas gráficas, publicidade e redação. As oficinas do *Diário de Pernambuco* tiveram um grande volume de profissionais nos anos de 1940, década de criação do suplemento. Provavelmente porque o processo de impressão do jornal ainda não contava com a tecnologia conquistada em décadas posteriores.

Dos 135 registros de empregados catalogados e analisados, 53 estavam nas oficinas, ou seja, 39,2% dos funcionários. O percentual é quase igual ao da redação, com 38% dos registros. Os setores de administração com 14%, manutenção com 4,4%, e publicidade com 1,4%, seguem com médias inferiores no quadro geral. A porcentagem de funcionários cujas funções não foram reveladas nos documentos analisados chega a 2,2%. Outro ponto a destacar é o número de contratações nas décadas de 1930 e de 1940. Dos 135 registros profissionais analisados, 42,22% foram contratados nos anos 1930, ou seja, 57 funcionários. Já nos anos 1940, as contratações correspondem a 34,81% (47 funcionários). Um dos nossos indicativos é que essa documentação tenha sido usada, sobretudo, nos anos 1940 pelo departamento responsável pelo controle dos funcionários, para uma revisão ou estruturação do quadro de contratados. Isso porque, dos 135 registros analisados, 88 continham assinaturas dos funcionários, e delas, 80,68% foram assinadas apenas nos anos de 1940. As assinaturas não tinham relação com a data de admissão. Constatamos que muitos foram contratados em períodos anteriores aos anos 1940, antes de registrarem suas assinaturas nas fichas. As assinaturas nos anos 1930 representam 4,54%, e as que não contêm datas correspondem a 14,77%. A ausência de assinatura de alguns funcionários mostra outro indicativo: a baixa escolarização dos contratados, principalmente no parque gráfico.

Outro dado diz respeito às dispensas. Dos 135 registros, 2,22% apresentam sua data de demissão nos anos 1930. Nos anos 1940, o índice chega a 22,22%. A década de 1960 fica com 1,48% das dispensas. Já os funcionários que não apresentam data de demissão representam 74,7%. Uma hipótese para essa questão é a de que parte desses colaboradores tenham continuado na empresa, ou que o *Diario* tenha começado a usar outro tipo de registro nas contratações e controle dos seus funcionários. Os anos 1930 e 1940 foram decisivos para o *Diario*. Nesse período, em 1931, a empresa foi vendida pela família Lyra ao grupo *Diários Associados*, do jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que iniciou sua carreira como repórter na empresa. A venda, no entanto, foi contestada pela justiça pelos antigos proprietários, que pediram a falência do jornal. Segundo o jornalista Luiz do Nascimento (1968), a falência da empresa no ano de 1934 deu lugar a uma série de publicações pagas, ora de Carlos Lira & Cia, ora dos *Diários Associados*. O imbróglio foi resolvido no mesmo ano, com vitória dos *Associados*, e o sociólogo e jornalista Gilberto Freyre assumindo temporariamente a direção da empresa, ao lado de Ismael Ribeiro. Nesse ano, o jornalista Aníbal Fernandes assumiu o cargo de redator-chefe. A entrada nos *Diários Associados*, grupo de comunicação que administrou o jornal até o final do ano de 2014, permitiu a esse uma modernização editorial e prestígio por integrar o maior conglomerado de mídia do Brasil que, nos anos subsequentes, seria responsável pela instalação da primeira emissora de televisão do país, a TV Tupi, nos anos 1950.

Dentro dessa rede familiar e de amizades, o suplemento também se consolidou como um espaço litúrgico. Intelectuais, jornalistas, literatos e poetas de origem pernambucana, que não residiam mais no estado, eram anunciados antecipadamente quando estavam de passagem pela capital ou em cidades próximas. O anúncio era dado por meio de uma nota no jornal, fornecendo detalhes da chegada e, às vezes, o motivo da visita. Tempos depois uma matéria repercutia o que o então autor ou personagem estava produzindo no momento. Muitas dessas repercussões eram acompanhadas de fotografias em jantares, almoços e encontros em homenagem ao visitante. A importância dada a esse tipo de sociabilidade era tanta que até quem se negava a ela tinha seu nome estampado no suplemento com observações negativas. O detalhe é que essa chamada divergia no próprio tom editorial do suplemento, que era contemplativo e comemorativo, quase nunca havendo críticas mais contundentes. Um dos exemplos é o caso do escritor Raul Lima, que, de passagem ao Recife em junho de 1950, não dedicou tempo na agenda aos velhos companheiros de literatura. Sua passagem à francesa foi

alvo de críticas do suplemento. “Esteve no Recife, esta semana, o escritor Raul Lima, diretor do suplemento do Diário de Notícias, do Rio, onde mantém uma secção literária das mais bem feitas e movimentadas do país³⁰”, diz a nota no início, ao criticar a discrição do visitante: “Raul Lima, que é alagoano, passou por aqui manifestando certo desprezo pelos amigos dos seus tempos de estudante de direito. Não entrou em contato com eles e parece que desejou permanecer incógnito na cidade³¹”.

Acusado de desprezar seus amigos, Raul Lima deve ter tomado conhecimento da repercussão da nota de sua passagem à francesa ao Recife. Em edição posterior, em 16 de julho de 1950, uma carta dele foi publicada no suplemento dando as justificativas de não ter anunciado a viagem aos velhos companheiros, ao que responde: “Pela notícia que li no suplemento do velho e sempre lembrado *Diário de Pernambuco*, vejo que fui vítima de minha ‘desimportância’ e modéstia. Estive no Recife apenas um curtíssimo dia e duas noites³²”, comunica, ao tentar dar uma justificativa da ausência. “Tinha uma porção de deveres a cumprir e procurei fazê-lo, correndo de um lado para outro. Fiquei triste por não ter podido rever contemporâneos da Faculdade e sobretudo por não ter abraçado amigos a quem estimo e admiro³³”. A reprodução da carta de Raul Lima vem acompanhada de um comentário de um redator, no melhor estilo morde e assopra: “N.R. - Fazemos restrição quanto à modéstia do missivista. Raul Lima conta no Recife com numerosas simpatias intelectuais e pessoais. Daí o desapontamento de seus amigos que desejavam vê-lo e homenageá-lo³⁴”. Muitos nomes eram festejados em passagem a Recife, como o escritor e jornalista pernambucano Guilherme Auler, que então ocupava um cargo de direção na *Tribuna de Petrópolis*, o escritor Álvaro Lins, o poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto, e o crítico e professor Eduardo Portella, ex-redator do *Diário de Pernambuco*.

“Não debes dar notícias com antecedência”: a discrição de Álvaro Lins e o suplemento como uma verdadeira corporação de ofício

No caso de Álvaro Lins, além das passagens por Pernambuco, eram noticiadas suas viagens para o exterior, independente se passaria algum tempo no Recife. Em uma delas, ganha inclusive uma matéria de capa do suplemento, que não tem assinatura, sobre uma viagem à Europa, no navio Serpa Pinto. O embarque foi realizado na cidade do Rio de Janeiro. Pela proximidade que tinha com Mauro Mota, tudo indica que o texto foi escrito por ele. “Vai conhecido crítico, ‘o maior crítico brasileiro vivo’, na expressão de Tristão de

Athayde, atendendo a convites de associações culturais de Portugal, Espanha, França e Itália, proferir conferências nesses países sobre a nossa literatura³⁵”, diz. O texto de capa também relembra a trajetória de Álvaro ao tentar a vida, oito anos antes, na então capital do país. Ao sair de Pernambuco, teria por muito tempo sobrevivido com salário na ordem de um conto de réis. Ainda há espaço para elogios ao desempenho do crítico no jornal *Correio da Manhã* e à biografia produzida sobre o diplomata José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco. Ao que tudo indica, Álvaro, em escala do navio no Recife, foi recebido pelos seus amigos intelectuais: “Durante a pequena demora do ‘Serpa Pinto’ em nosso porto, o escritor Álvaro Lins se viu cumprimentado pelos seus numerosos amigos pernambucanos³⁶”.

A liturgia de receber literatos não era bem-vinda por todos. Apesar de ser uma experiência comum, muitos se queixavam da abordagem a Mauro Mota ou mesmo deixavam no ar que não queriam ter seus nomes divulgados na imprensa ao passarem por Pernambuco. Em carta enviada a Mauro em 3 de setembro de 1936, antes mesmo da criação do suplemento, Álvaro Lins pede moderação: “Vou voltar no dia direto de... (palavra ilegível). Quero te pedir mais uma vez que não permitas que tua amizade transborde nas notícias do *Diário*³⁷”, pede o crítico, antes mesmo do surgimento do suplemento literário. “Não debes dar notícias com antecedência como a vez que voltei da Bahia. Basta no dia que o navio chegar. Agora é que estou usando de precaução. Quando se tem um grande amigo com a tua generosidade ela é necessária³⁸”. O mesmo pedido foi feito por João Cabral de Melo Neto em correspondência a Mauro em 9 de setembro de 1968, já posterior ao fim do suplemento. “Lembranças nossa a Marly. Quando formos ao Brasil, em abril, para a posse que será em maio, espero ficar uns dias no Recife calmamente: sem correrias, sem debates, sem entrevistas, sem homenagens. Calmamente com os amigos³⁹”, pede João Cabral. Apesar de estar em períodos distintos, a mensagem enviada a Mauro Mota por Álvaro Lins coincide com o tempo em que ele estava residindo no Recife e estava voltando, provavelmente, de uma viagem do Rio de Janeiro. A de João Cabral, mesmo com o fim do suplemento, também coincide com o período em que Mauro estava ativo no *Diário de Pernambuco*.

O suplemento – além de ser um espaço de sociabilidade intelectual – ainda funcionava com uma verdadeira corporação de ofício. As lamentações também eram quando o intelectual não teria tempo de manter uma atividade profissional e continuar produzindo sua obra intelectual. Mauro Mota, por exemplo, chegou a estampar na coluna que lamentava que seria um desperdício à cultura o trabalho do advogado Luiz Pandolfi enquanto advogado. O editor

elogia a formação jurídica do intelectual, mas lamenta que, no Recife, se escritores pudessem viver de escrever não estariam assistindo o “desvio” de talentos como ele. “Mas exercendo uma absorvente profissão com prejuízos menos para ele mesmo individualmente do que para o reduzido grupo de novos que ora lança as bases da literatura de uma época em Pernambuco⁴⁰”, pondera Mauro Mota, que elogia os trabalhos do autor na crítica e na iniciada obra de ficção. “Na vida prática já dissemos que Luiz Pandolfi é advogado. Mas, no escritório da avenida Rio Branco, encontra sempre um tempinho para render as consultas dos seus amigos literatos⁴¹”.

Bastante corporativista, a publicação dava amplo destaque às nomeações de intelectuais em órgãos públicos, estendia os elogios à contratação de políticos que faziam essas aquisições e também saía em defesa dos demitidos, ajudando-os a encontrar novas colocações, ou ainda de polêmicas bastante curiosas quando o assunto era defender os interesses de alguém do grupo. Parte da historiografia da imprensa brasileira reconhece que os suplementos literários estavam longe de representar locais de grandes polêmicas⁴². Em outra rara contenda de sua coluna, o editor e colunista Mauro Mota defendeu a instalação de um busto de Manuel Bandeira, seu primo distante e poeta de reconhecimento nacional, membro da Academia Brasileira de Letras desde o ano de 1940⁴³. A homenagem partiria do então deputado Nilo Pereira e o projeto aprovado na Assembleia Legislativa, mesmo quando o estado não compactuasse em homenagem, nesse sentido, a personagens ainda vivos. A história foi acompanhada incessantemente pela página. Entre a repercussão, está um requerimento do deputado Barreto Guimarães para saber porque tal busto ainda não teria sido fixado. “Ele deseja saber porque não foi ainda cumprida a lei que autoriza o Poder Executivo a adquirir o busto do poeta pernambucano Manuel Bandeira, de autoria do escultor Celso Antônio, e que deverá ser inaugurado em praça pública no Recife⁴⁴”.

Outro caso emblemático desse corporativismo foi a demissão do crítico Edson Nery da Fonseca do cargo de bibliotecário da Faculdade de Direito do Recife no ano de 1951. Defensor fiel do legado do sociólogo Gilberto Freyre, Nery teria sido demitido supostamente em virtude de um artigo publicado na imprensa. Mauro Mota dedicou um amplo comentário em defesa do bibliotecário na coluna Literatura da Semana em 25 de novembro do mesmo ano. “Motivada por um artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, a demissão significou um atentado à liberdade de pensamento, com o agravante de ter sido praticada dentro de uma instituição que sempre a defendeu⁴⁵”, criticou o poeta e jornalista. Mauro Mota disse que as

críticas contidas no artigo eram de pessoas que mereciam todo o respeito, mas que não se justificava a penalidade que o bibliotecário sofreu. As acusações consideradas injustas deveriam ser destituídas pelos métodos normais: levadas à justiça. Destacou no comentário que,

Jamais Edson Nery da Fonseca redigiu sobre o assunto qualquer nota na qualidade de bibliotecário. Escreveu na qualidade de um homem livre, na escolha e no tratamento dos seus temas. Mesmo porque, do seu contratado com a Universidade, não constava nenhuma cláusula obrigando-o a renunciar à sua posição de escritor. Logo, não competia à Universidade apressar-te em adotar medidas punitivas diante de um procedimento alheio ao seu âmbito e só coincidentemente relacionado com livros e fichários que não eram os seus⁴⁶.

Em nenhum momento houve contestação da instituição ao comentário de Mauro Mota, que destacou que a demissão não seria suficiente para destituir Edson Nery da função de escritor, que continuaria escrevendo independente do vínculo empregatício. O jornalista também encerrou o comentário com uma profecia: “E talvez um dia a Faculdade de Direito do Recife tenha orgulho em dizer que Edson Nery da Fonseca foi diretor de sua Biblioteca em qualquer tempo⁴⁷”. De fato, o suplemento não perdeu tempo em divulgar as novas conquistas de Edson Nery após a saída da tradicional instituição de ensino. Cursos oferecidos por ele e novas oportunidades de trabalho foram divulgadas. No ano seguinte, foi comemorada sua contratação pelo governo de Alagoas, estado vizinho a Pernambuco. “Notícias de Maceió dão conta da grande repercussão que vem tendo as atividades do bibliotecário pernambucano Edson Nery da Fonseca⁴⁸”, comentou Mauro Mota. “(Ele) recentemente demitido das funções que exercia na Universidade do Recife e designado pelo Instituto Nacional do Livro para inspecionar as bibliotecas públicas e escolares de Alagoas⁴⁹”, descreveu, ao pontuar que as novas atividades incluíam a atividade em um curso intensivo de biblioteconomia também em Maceió. A contratação foi por intermédio do então governador Arnon de Mello, pai do futuro presidente da República Fernando Collor de Mello.

Além da demissão de Edson Nery da Fonseca, o suplemento também saiu em defesa do jornalista José do Patrocínio Oliveira, que exercia função em uma agência local. O motivo da demissão teria sido a publicação de uma matéria assinada pelo jornalista no *Diário da Noite* sobre a situação do Porto do Recife. “Em vez de contestar a reportagem nos pontos porventura inverídicos, o diretor das Docas, segundo é corrente, aproveitou uma viagem ao Rio e lá teria conseguido a demissão do autor⁵⁰”, contestou Mauro Mota na coluna Literatura da Semana. “Nesse caso, não sabemos se fez bom negócio consumou uma vingança

mesquinha, mas incompatibilizou-se com a grande maioria dos jornalistas pernambucanos⁵¹”. O suplemento, assim, revelaria também uma rotina comum da dupla jornada de trabalho de jornalistas e intelectuais e, mesmo corporativista, era um espaço raro, dentro do jornal, na defesa de colegas.

As gerações regionais, como destaca Alzira Alves de Abreu – e ela pontua a participação de Arnon de Mello –, foram muito importantes na construção de redes de apoio para a indicação de publicações em jornais e trabalhos, sobretudo no serviço público. A autora cita que Rachel de Queiroz se lembrava do grupo de Maceió, cujos intelectuais e literatos que foram morar nessa cidade entre os anos de 1934 e 1935, e construíram amizade e, mais tarde, encontraram-se na então capital do país. Entre eles estavam a própria Rachel, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Waldemar Cavalcanti, Raul Lima, Aurélio Buarque de Holanda e Arnon de Mello. “Eles vieram depois para o Rio de Janeiro e o grupo nunca se desfez; uns ajudavam os outros a encontrar emprego em jornais e a maior parte desses intelectuais colaborou no suplemento literário do *Diário de Notícias* na década de 50⁵²”. No Recife, o grupo em torno de Mauro Mota e do *Diário de Pernambuco* celebrou muitas conquistas, boa parte delas publicadas no suplemento. Mais uma vez, Álvaro Lins ganhava destaque, a exemplo da sua nomeação ao cargo de chefe da Casa Civil da Presidência da República no governo do então novo presidente, Juscelino Kubitschek, no ano de 1956. “Foi muito bem recebida nos círculos culturais do país, particularmente de Pernambuco, a nomeação do escritor Álvaro Lins para chefiar a Casa Civil da Presidência da República⁵³”, comemorou o suplemento em matéria de capa.

A nomeação de Álvaro Lins rendeu, também, espaço para Eduardo Portella, nomeado seu assistente. Antigo redator do *Diário*, o então nomeado também era professor universitário no Recife. “Acaba de ser nomeado para o cargo de assistente do chefe da Casa Civil da Presidência da República o escritor e jornalista Eduardo Portella, nosso antigo companheiro de redação e colaborador do suplemento literário⁵⁴”, registrou o suplemento no mês seguinte. Eduardo Portella, mais tarde, assumiu diversos cargos públicos, como o de ministro da Educação, entre os anos de 1979 e 1980, além de ser imortal da Academia de Brasileira de Letras. Nascido na Bahia, Eduardo Portella se formou na Faculdade de Direito do Recife, construindo relações na capital pernambucana. Como registrou o suplemento editado por Mauro Mota, seu currículo também compreendia um estágio no Instituto de Cultura Hispânica de Madrid, onde realizou cursos de língua e literatura hispano-americana. A repercussão,

segundo o *Diario*, foi vista de forma bastante positiva entre os intelectuais no Recife: “A nomeação de Eduardo Portella repercutia favoravelmente nos círculos intelectuais do Recife, onde o jovem ensaísta e crítico literário conta com numerosos amigos⁵⁵”. As duas nomeações favoreceram, inclusive, o próprio Mauro Mota, quando foi indicado, no mesmo ano, ao cargo de diretor-executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), órgão vinculado à administração federal.

Em entrevista a *O Jornal*, em 24 de abril de 1949, quando estava na cidade do Rio de Janeiro, hospedado, segundo a reportagem, no apartamento de Álvaro Lins, Mauro Mota defendeu que a ideia de criar uma página no *Diario* para acolher as produções do “pessoal da casa”, a princípio, foi recebida com reservas e até mesmo descrenças. Segundo ele, os nomes feitos – ele rejeita o tratamento de “velhos” da reportagem –, Gilberto Freyre, Odilon Nestor, Olívio Montenegro, Luiz Delgado, Aníbal Fernandes e Silvio Rabelo, continuaram colaborando e observaram o acolhimento dos novos “com simpatia e interesse”. Perguntado pela reportagem se esse grupo via com “benevolência” esse acolhimento, Mauro diz que o julgamento não pode ser tão rígido ou dócil. “Não é preciso penetrar na carne da obra, perceber, na superfície, o que de vigoroso poder existir. O tempo amadurecerá como faz aos frutos. Na maioria dos casos raramente erramos⁵⁶”, justifica. De fato, havia sim uma nova geração sendo recebida pelas páginas do *Diario*, mas o conceito de novo estava longe de nomes desprovidos de algum tipo de referência prévia, fosse familiar, de trabalho, ou mesmo de espaço físico dentro e fora do jornal. Foi uma renovação dentro de certos limites. A ideia de um espaço democrático aberto, sem restrição, a novos nomes não convinha com a realidade. Revelações, sim, existiram, mas não como um espaço aberto e amplamente democrático. Havia uma rede de relacionamento em que era preciso penetrar, até porque o jornal mantinha um longo espaço aos já consagrados, tanto de Pernambuco, como de outros estados, com reproduções constantes dos outros jornais dos *Diários Associados*.

Em outra entrevista, desta vez ao MISPE, em 10 de junho de 1977, Mauro Mota revela que a criação do suplemento só pôde ser autorizada graças à aceitação do “diretor de fato” do jornal, o jornalista Fernando Chateaubriand, um dos filhos de Assis Chateaubriand, e o chefe da redação, Aníbal Fernandes. Segundo ele, antes da criação da página, em 1947, o *Diario de Pernambuco* apenas reproduzia textos e artigos sobre os medalhões já conhecidos, entre eles, Odilon Nestor, Olívio Montenegro e Gilberto Freyre: “Isso foi aos poucos, entrando, até finalmente em novembro de 1947, conseguimos fazer o lançamento do suplemento, que se

manteve firme até dezembro de 59 logo durante 12 anos⁵⁷”. O jornalista criou sua própria versão sobre o fim da página: “Porque acabou o suplemento? Acabou porque estava bom demais, influenciando demais⁵⁸”. De fato, a leitura dos quase 12 anos da página nos revela um formato cansativo, que não foi atualizado ao longo dos anos. Os mesmos colaboradores, o mesmo tipo de resenha, elementos que tornaram a página uma leitura sem novidades ao leitor do *Diario*. Algumas narrativas foram criadas, como a possível rejeição de Assis Chateaubriand à figura de Mauro Mota, ou mesmo a briga interna que Mauro Mota teria para conquistar o espaço, semanalmente, para a discussão literária.

Considerações finais

O suplemento literário do *Diario de Pernambuco* é considerado uma experiência exitosa do ponto de vista editorial. Para se ter uma ideia, o suplemento chegou a ter em média dez a 12 páginas, em seu auge, sendo duas ou três dedicadas à literatura. As outras eram dedicadas a reportagens especiais, variedades e pautas para as mulheres. A produção local com publicações de cronistas e poetas, muitas vezes, não ocupava uma página completa. Em entrevista ao MISRJ em 5 de novembro de 1971, Mauro Mota reforçou a tese dos “novos talentos”: “Os colaboradores eram chamados de nomes feitos. Quer dizer, a juventude não tinha chance. Só os nomes consagrados, né? Então, abri o suplemento e saíram grandes valores⁵⁹”, disse aos entrevistadores, ao citar como exemplo, entre outros novatos, o nome do poeta Carlos Pena Filho. No entanto, o que seria, em tese, uma escola, era de fato um espaço literário cujos critérios nunca foram claros ao público ou aos potenciais colaboradores. O suplemento, do ponto de vista editorial, deixava claro que os talentos já consagrados teriam mais espaço. Paralelo a nomes como Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Samuel Wainer, entre outros, figuravam personagens que, graças a relação afetiva de Mauro Mota com Nazaré da Mata, tinham suas produções publicadas, entre eles, Ladjane Bandeira e Marcos Vinícios Vilaça.

Além disso, o lugar dedicado exclusivamente aos novos talentos não passou de uma narrativa criada pelo próprio editor, o jornalista Mauro Mota, e reforçada por uma literatura institucional construída também pelo próprio *Diario*⁶⁰. Mauro Mota era um homem de muitos amigos, mas muito bem selecionados. Parte de sua rede de relacionamento no *Diario de Pernambuco*, quando editou o suplemento literário de 1947 e 1959, era restrita, nacionalmente, aos nomes ligados aos *Diários Associados*, grupo de comunicação que

controlava a empresa, e a de figuras importantes na redação. Rompemos a narrativa institucional propagada pela empresa de que essa página literária seria responsável por uma verdadeira “revolução” no quesito revelação de talentos. As revelações existiram, mas dentro de uma sociabilidade do editor e da empresa.

Notas

¹ PEREIRA, Nilo. *Mauro Mota e seu tempo*. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco, 1987. p. 126.

² MOTA, Mauro. *O pátio vermelho*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1968. p. 31-32.

³ PEREIRA, 1987, p. 126.

⁴ LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento literário, que falta ele faz! 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 01 jan. 2007. ISBN 8570605374. p. 44.

⁵ ABREU, Alzira de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, A. A. de (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 23

⁶ MOTTA, R. Mauro Mota, Memória, Data e Festa. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife, n. 65, 2012. p. 8-9.

⁷ PEREIRA, 1987, p. 31.

⁸ DUARTE, Jodeval. *Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota*. Recife: Comunigraf, 2001.

⁹ JAMBO, Arnaldo. *Diário de Pernambuco: história e jornal de quinze décadas*. Recife: Editora O Cruzeiro, 1975.

¹⁰ GUERRA, J. A. Às margens do Capibaribe. *Revista, O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1949.

¹¹ *Ibid.*

¹² *Ibid.*

¹³ ABREU, 1996, p. 13.

¹⁴ *Ibid.* p. 14.

¹⁵ NEVES, Juliana. *Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do Suplemento Literário do Diário de S. Paulo nos anos 40*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 200.

¹⁶ *Ibid.* p. 32-33.

¹⁷ NOSSA, Leonêncio. *Roberto Marinho: o poder está no ar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. p. 240.

¹⁸ *Ibid.* p. 240.

¹⁹ LINS, Osman. Morre um suplemento. IN Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, *O Estado de S. Paulo*, Ano II, nº 130, 09. Mai. 1959. p. 4.

²⁰ RÉGIS, E. Revistas do Recife. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento Quatro Páginas, 14 de dezembro de 1947. p. 4.

²¹ *Ibid.* p. 4.

²² *Ibid.* p. 4

²³ *Ibid.* p. 4

²⁴ *Ibid.* p. 4

²⁵ Na edição de 8 de maio de 1949, o suplemento publicou uma nota que qualquer correspondência destinada à seção deveria ser endereçada para Rua José Osório, nº 102, no bairro da Madalena, no Recife, destoando do resto das correspondências de outros cadernos e seções que deveriam ser entregues à sede da redação. IN Literatura da Semana, Suplemento Oito Páginas, *Diário de Pernambuco*, Recife, 8 de maio de 1949, p. 8.

²⁶ ABREU, 1996, p. 25.

²⁷ MOTA, M. Colaboração literária. *Diário de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 9 de setembro de 1956. p. 8.

²⁸ Na coluna Literatura da Semana, publicada em 27 de janeiro de 1957, quando o suplemento literário do *Diário* comemorava dez anos, Mauro Mota fez um balanço sobre a publicação e tocou na coluna dedicada ao que seria a revelação de novos talentos: a Coluna dos Novos, abolida em pouco tempo após a criação da página. Justifica o

- editor e colunista: “A princípio, tivemos uma secção, a coluna dos novos, pouco depois abolida” (MOTA, 1957, p. 8).
- ²⁹ ROCHA, A. O Mauro, como conheci (J.C. 24.11.84). *Revista do Arquivo Público*, Recife, v. 1, n. 1, jan/jun. 1984. p. 54-55.
- ³⁰ MOTA, M. Raul Lima incógnito. Literatura da Semana, *Diario de Pernambuco*, Secção 2, 8 Páginas, Recife, 24 de junho de 1950. p. 8.
- ³¹ *Ibid.* p. 8.
- ³² MOTA, M. Caixa postal. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 16 de julho de 1950.
- ³³ *Ibid.*
- ³⁴ *Ibid.*
- ³⁵ A caminho da Europa o escritor Álvaro Lins. *Diario de Pernambuco*, Recife, Suplemento 6, 18 de julho de 1948. p. 1.
- ³⁶ *Ibid.* p. 1.
- ³⁷ LINS, Á. [Correspondência]. Destinatário: Mauro Mota. [S. l.], 13 de setembro de 1936. Acervo Fundação Joaquim Nabuco (Código MMo CRp 1 doc 15,3).
- ³⁸ *Ibid.*
- ³⁹ MELO NETO, J. C. de. [Correspondência]. Destinatário: Mauro Mota. [S. l.], 9 de setembro de 1968. Acervo Fundação Joaquim Nabuco (Código MMo CRp 65 doc 1403).
- ⁴⁰ MAURO, M. Galeria. *Diario de Pernambuco*, Literatura da Semana, Recife, Suplemento Seis, 7 de março de 1948. p. 6.
- ⁴¹ *Ibid.* p. 6.
- ⁴² ABREU, 1996, p. 20.
- ⁴³ MOTA, M. Busto de Manuel Bandeira. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 27 de fevereiro de 1955. p. 8.
- ⁴⁴ *Ibid.* p. 8.
- ⁴⁵ MOTA, M. Quem perdeu com a história? *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 10 Páginas, 25 de novembro de 1951. p. 10.
- ⁴⁶ *Ibid.* p. 10.
- ⁴⁷ *Ibid.* p. 10.
- ⁴⁸ MOTA, M. Atividades de Edson Nery em Maceió. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 13 de janeiro de 1952. p. 8.
- ⁴⁹ *Ibid.* p. 8.
- ⁵⁰ MOTA, M. Demissão. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 19 de agosto de 1951. p. 8.
- ⁵¹ *Ibid.* p. 8.
- ⁵² ABREU, 1996, p. 24.
- ⁵³ CHEFE da Casa Civil da Presidência da República o escritor Álvaro Lins. *Diario de Pernambuco*, Recife, Secção 2, 8 Páginas, 5 de fevereiro de 1956. p. 1.
- ⁵⁴ MOTA, M. Eduardo Portella, assistente do chefe da Casa Civil da Presidência da República. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 25 de março de 1956. p. 8.
- ⁵⁵ *Ibid.* p. 8.
- ⁵⁶ INTENSA Atividade Literária no Recife. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1949.
- ⁵⁷ MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE PERNAMBUCO - MISPE, 1977.
- ⁵⁸ *Ibid.*
- ⁵⁹ MUSEU DA IMAGEM E DO SOM - MISRJ, 1971.
- ⁶⁰ Um dos exemplos é o estudo do jornalista Jodeval Duarte, publicado no ano de 2001, sobre o suplemento de Mauro Mota, que contou com apoio do próprio *Diario de Pernambuco*. (DUARTE, 2001, p. 12.)

Referências

A CAMINHO da Europa o escritor Álvaro Lins. *Diario de Pernambuco*, Recife, Suplemento 6, 18 de julho de 1948. p. 1.

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, A. A. de (Org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CHEFE da Casa Civil da Presidência da República o escritor Álvaro Lins. *Diario de Pernambuco*, Recife, Secção 2, 8 Páginas, 5 de fevereiro de 1956. p. 1.

DUARTE, Jodeval. *Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota*. Recife: Comunigraf, 2001.

GUERRA, J. A. Às margens do Capibaribe. Revista, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1949.

INTENSA Atividade Literária no Recife. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1949.

JAMBO, Arnaldo. *Diario de Pernambuco: historia e jornal de quinze décadas*. Recife: Editora O Cruzeiro, 1975.

LINS, Álvaro. [Correspondência]. Destinatário: Mauro Mota. [S. l.], 13 de setembro de 1936. Acervo Fundação Joaquim Nabuco (Código MMo CRp 1 doc 15,3).

LINS, Osman. Morre um suplemento. IN Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, *Estado de S. Paulo*, Ano II, nº 130, 09. Mai. 1959. p. 4.

LITERATURA da Semana, Suplemento Oito Páginas, *Diario de Pernambuco*, Recife, 8 de maio de 1949, p. 8.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Suplemento literário, que falta ele faz! 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 01 jan. 2007.

PEREIRA, Nilo. *Mauro Mota e seu tempo*. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco, 1987. p. 126.

MOTA, Mauro. Colaboração literária. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 9 de setembro de 1956. p. 8.

MOTA, Mauro. Hierarquia das retrancas. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 27 de janeiro de 1957.

ROCHA, Alexandrino. *O Mauro, como conheci* (J.C. 24.11.84). Revista do Arquivo Público, Recife, v. 1, n. 1, jan/jun. 1984. p. 54-55.

MOTA, Mauro. Raul Lima incógnito. Literatura da Semana, *Diario de Pernambuco*, Secção 2, 8 Páginas, Recife, 24 de junho de 1950. p. 8.

MOTA, Mauro. Caixa postal. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 16 de julho de 1950.

NEVES, Juliana. *Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão: a experiência do Suplemento Literário do Diário de S. Paulo nos anos 40*. São Paulo: Annablume, 2005.

NOSSA, Leonêncio. *Roberto Marinho: o poder está no ar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

MELO NETO, João Cabral de. [*Correspondência*]. Destinatário: Mauro Mota. [S. l.], 9 de setembro de 1968. Acervo Fundação Joaquim Nabuco (Código MMo CRp 65 doc 1403).

MOTA, Mauro. Atividades de Edson Nery em Maceió. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 13 de janeiro de 1952. p. 8.

MOTA, Mauro. Busto de Manuel Bandeira. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 27 de fevereiro de 1955. p. 8.

MOTA, Mauro. Demissão. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento, 19 de agosto de 1951. p. 8.

MOTA, Mauro. Eduardo Portella, assistente do chefe da Casa Civil da Presidência da República. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 8 Páginas, 25 de março de 1956. p. 8.

MOTA, Mauro. Galeria. *Diario de Pernambuco*, Literatura da Semana, Recife, Suplemento Seis, 7 de março de 1948. p. 6.

MOTA, Mauro. *O pátio vermelho*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1968.

MOTA, Mauro. Quem perdeu com a história? *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Secção 2, 10 Páginas, 25 de novembro de 1951. p. 10.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM – MISRJ. [Depoimentos para a posteridade]. *Entrevista de Mauro Mota*. Entrevistadores: Aurélio Buarque de Holanda e Lélia Coelho Frota. Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1971.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE PERNAMBUCO - MISPE. *Entrevista de Mauro Mota*. Entrevistadores: Olímpio Bonald Neto, Francisco Bandeira de Mello e Fernando Jader Magalhães Melo. Recife, 10 de junho de 1977.

RÉGIS, Edson. Revistas do Recife. *Diario de Pernambuco*, Recife, Literatura da Semana, Suplemento Quatro Páginas, 14 de dezembro de 1947.